

## Resenha

**BONILLA, Diego Navarro\***. *Espías! Tres mil años de información y secreto*. Plaza y Valdes Editores, 2009. 512 p. ISBN 978-84-96780-74-3.

**Maurício Viegas Pinto\*\***

A proposta do livro é utilizar exemplos históricos para caracterizar aspectos atemporais da espionagem e da atividade de Inteligência, buscando identificar os pontos de diferença e similaridade que existem entre ambas.

Após sugerir aos leitores que deixem momentaneamente de lado as passagens bíblicas sobre os espiões, o autor inicia a obra com uma retrospectiva histórica na qual aponta as cartas assírias, datadas do século VII a.C., como sendo as referências mais remotas sobre o valor e o emprego das informações sigilosas.

Ao introduzir o assunto, o autor destaca a importância da informação (e de sua proteção), tanto para a guerra quanto para a diplomacia, no eterno ciclo de apogeu e queda das grandes potências.

Desse modo, para contextualizar o assunto, seleciona diversos exemplos que ilustram a aplicação decisiva das informações sigilosas em mais de 2.500 anos de História. Literalmente, da Mesopotâmia ao Iraque.

Pouco a pouco, os fatos apresentados levam o leitor a perceber o valor das informações, não apenas nos campos de

batalha, mas em todas as situações onde se possa aferir vantagem por meio do conhecimento, seja no âmbito político, econômico ou até mesmo religioso.

Descortina-se também, ao longo do texto, a figura misteriosa e ainda mal compreendida do profissional responsável por obter e repassar estas informações. Segundo o autor, a partir da segunda metade do século XX, provavelmente por influência das histórias e aventuras propiciadas por mais de trinta anos de Guerra Fria, a imagem desse profissional tornou-se fortemente associada à dimensão reduzida da espionagem.

Dessa forma, para a maioria das pessoas, os serviços de Inteligência transformaram-se em simples serviços secretos e, seguindo a mesma lógica, especialistas e analistas de Inteligência converteram-se em meros espiões. Com o intuito de esclarecer esse fato, o autor indaga-se sobre o significado da palavra espião.

Ao pesquisar a etimologia da palavra, Navarro encontra na obra *Tesouro de La Lengua Castellana* (1612) uma associação do termo espía ao verbo grego *spio* (seguir), conforme se observa no seguinte trecho: “*porque la espía va*

\* Diego Navarro Bonilla é doutor em Documentação e professor titular de Arquivística no departamento de Biblioteconomia e Documentação (Universidad Carlos III de Madrid).

\*\* Maurício Viegas Pinto é especialista em Inteligência Estratégica (Universidade Gama Filho) e instrutor do Instituto de Formação Ministro Luiz Vicente Cernicchiaro – Escola de Administração Judiciária do Distrito Federal.

*siguiendo al enemigo por todos los pasos que anda*".

O autor cita ainda outras definições, como a de José Almirante, em seu célebre dicionário militar, segundo a qual espião seria "el individuo que por oficio y por lucro observa los movimientos y los sucesos de un ejército o tropa en campaña para dar cuenta de ellos al enemigo".

Navarro questiona-se também sobre a dimensão moral da espionagem e, neste aspecto, ele aponta as divergências existentes entre o pensamento ocidental, onde esta atividade sempre foi vista como algo indigno e repulso; e a concepção oriental, especialmente no Japão, onde a espionagem era contemplada como uma tarefa patriótica e totalmente honrada.

Uma constante histórica, destacada por Navarro, é que as informações sigilosas sempre foram obtidas a partir de fontes humanas, ou seja, de agentes – ou se assim se preferir – de espiões que observam, escutam e transmitem os segredos. O autor assinala que apesar dos avanços tecnológicos aplicados à obtenção de informações, as fontes humanas nunca deixaram de perder vigência e valor, fazendo do espião um elemento insubstituível no âmbito da atividade.

Contudo, é precisamente nesse universo das fontes humanas que o autor identifica um dos maiores riscos do emprego da espionagem: o agente duplo. Segundo Navarro, as traições efetuadas por detentores de segredos colaboraram significativamente para alimentar a imagem moralmente reprovável do espião, carac-

terizando-o como um infiel guardião dos *arcana imperii*.

O cerne da questão, de acordo com o autor, reside em se conhecer as obscuras motivações que levam cidadãos respeitáveis a por em perigo um Estado, difundindo indevidamente os seus segredos.

Para ilustrar, o autor cita o caso do chefe do Estado Maior austríaco, o coronel Alfred Redl, que após ter sido chantageado por freqüentar ambientes homossexuais em Viena, converteu-se em agente duplo, repassando importantes informações aos russos durante vários anos, chegando inclusive a entregar-lhes os planos de guerra do exército Austro-Húngaro, em 1913, pouco antes de se suicidar.

Interessantes também, neste sentido, são os dados citados por Navarro sobre as motivações que levaram espiões americanos a trabalhar para os soviéticos durante os anos da Guerra Fria. A partir de um grupo de 139 cidadãos americanos oficialmente acusados de espionagem contra o seu próprio país, detectou-se que 54,4% o fizeram exclusivamente por dinheiro, 23,7% tiveram motivos ideológicos como o principal fator da traição, outros 5,8% alegaram causas relacionadas às fraquezas do coração. Finalmente, cerca de 2,9% reconheceram que espionaram por vingança ou insatisfação pessoal. Não obstante, houve ainda outros fatores menos comuns, como o simples desejo de aventura, por exemplo.

Ao abordar o tema das fontes humanas e, conseqüentemente, das condições pessoais, habilidades e qualidades

do agente que lhe permitem obter as informações que deseja, o autor mergulha – inevitavelmente – no universo das agentes femininas. Para Navarro, a exploração da sensualidade como arma de sedução e ferramenta para a aquisição de segredos é outra característica atemporal da espionagem.

Neste ponto, o autor cita o general prussiano Von Decker, segundo o qual um segredo que não pudesse ser penetrado por mulheres nem por sacerdotes, jamais seria revelado.

Navarro é enfático ao afirmar que é preciso acabar, de uma vez por todas, com o mito de Mata Hari. Segundo o autor, ela, de modo algum, foi um exemplo de espia. De fato, o autor cita vários outros nomes de mulheres muito mais aptas ao exercício desta atividade, como, por exemplo, “Fraulein Doctor”, pseudônimo com o qual ficou conhecida Elisabeth Schragmüller, uma autêntica mestra da espionagem a serviço da Alemanha durante a I Guerra Mundial; e Stephanie Von Hohenlohe, espia utilizada diretamente por Hitler em numerosas missões, apesar de sua origem judia.

Embora o autor cite também comentários que apontem em sentido contrário, ele afirma que a superioridade dos homens em relação às mulheres no exercício da espionagem, se existe, limita-se apenas ao aspecto quantitativo.

Contudo, pergunta-se o autor, em que momento da História houve a conversão da antiga espionagem na moderna Inteligência? Segundo ele, este proces-

so inicia-se com a consolidação da diplomacia, momento em que o fluxo de informações secretas assume um caráter oficial em matéria de Estado.

Paulatinamente, esclarece Navarro, foi ocorrendo a sistematização dos conteúdos relacionados à área de Inteligência, o que culminou, por fim, no surgimento de cursos com enfoques cada vez mais científicos e na definição de um perfil especializado para os profissionais que atuam na atividade.

O autor acrescenta ainda que, hoje em dia, a maior parte do trabalho que se desenvolve em um serviço de Inteligência é desempenhada pelos analistas. Segundo ele, esses profissionais constituem um corpo altamente qualificado, cuja formação acadêmica responde aos interesses do próprio serviço.

Entretanto, para que a Inteligência pudesse obter o elevado nível de sistematização que demonstra na atualidade, foi necessário o esforço pessoal de muitos agentes ao longo dos séculos. Esses precursores da atividade, que em muitos casos perderam a própria vida por a terem exercido, influenciaram decisivamente em sua evolução.

Na tentativa de elaborar uma lista com os dez nomes de maior influência nesta área, Navarro descreve resumidamente a vida de alguns dos maiores mestres da espionagem: Francis Walsingham, Karl Schulmeister, Fouché, Colquhoun Grant, Wilhelm Stieber, Sidney Reilly, Elisabeth Schragmüller, Richard Sorge, Wilhelm Canaris e Ely Cohen.

Este último, cujo nome completo era Eliahu ben Shaoul Cohen, teria sido, segundo o autor, o melhor espião israelense de todos os tempos. Foi agente infiltrado do Mossad na Síria entre os anos 1962 e 1965. Segundo Navarro, Cohen teria se introduzido de tal modo nos círculos políticos e militares da época, que o seu nome chegou a ser cogitado para assumir um posto de alto escalão no Ministério da Defesa. Descoberto com a ajuda de um equipamento de detecção de ondas de rádio-freqüência (radiogoniômetro) que havia sido repassado à Síria pelos soviéticos, Cohen foi enforcado em 18 de maio de 1965, na Praça dos Mártires, em Damasco.

Ao retomar o aspecto conceitual, Navarro prossegue na diferenciação existente entre os termos Inteligência e espionagem. O autor informa que o termo Inteligência, tal como o conhecemos hoje, não é uma criação contemporânea, mas encontra suas raízes no século XVI ou até mesmo antes.

Navarro assinala ainda que, em 2002, Michael Warner publicou um artigo em que cita mais de vinte definições de Inteligência, o que – segundo o autor – revela a considerável dificuldade em se definir um termo aparentemente simples.

Após mencionar algumas das principais definições de Inteligência, o autor dedica-se a destrinchar a consagrada concepção tríplice de Sherman Kent, segundo a qual Inteligência pode significar instituição, processo e produto. Neste ponto, Navarro recorda o fato de que a Inteligência, como processo, compreen-

de o assim denominado ciclo da Inteligência, o qual abarca as fases necessárias para se alcançar o seu resultado final: um produto de Inteligência que seja útil à tomada de decisões.

Nesse contexto, o autor suscita uma questão bastante conhecida dos analistas de Inteligência: o fato de que este ciclo não compreende um conjunto limitado de fases seqüenciais, pois a elaboração do conhecimento por parte da mente humana não funciona como uma “cadeia de montagem”.

Em contrapartida, o termo espionagem significa, segundo Navarro, todos aqueles procedimentos sistemáticos e meios ocultos de obtenção da informação, levados a cabo por uma pessoa ou organização. Assim, o autor conclui que não se pode equiparar Inteligência e espionagem, posto que a primeira engloba uma realidade muito mais ampla, completa e significativa que a segunda.

Aprofundando-se um pouco mais na sistematização da Inteligência, Navarro reconhece a contribuição fundamental das obras materializadas por Sherman Kent, Washington Platt e Allen Dulles (primeiro diretor civil da CIA, 1953-1961) no desenvolvimento teórico e científico da Inteligência; contudo, acrescenta que existem numerosos exemplos históricos que permitem identificar o emprego das fases seqüenciais do ciclo da Inteligência e do trabalho intelectual de análise muito antes destas produções doutrinárias.

Desse modo, Navarro demonstra que embora a formulação terminológica do

ciclo da Inteligência apareça somente após a II Guerra Mundial, não se pode contestar o fato de que ela remete a um conjunto de procedimentos tão antigo no tempo como a própria necessidade de produção de informações voltadas ao processo decisório.

Em todo caso, os perigos decorrentes da assimetria global e a operatividade do terrorismo, com sua espiral de ataques indiscriminados, levam o autor a alertar para o fato de que as bases conceituais que durante séculos fundamentaram a teoria da guerra tornaram-se obsoletas. Interoperabilidade entre sistemas de informação, cooperação internacional, rapidez de resposta e flexibilidade organizativa são conceitos que, segundo Navarro, devem direcionar a readaptação dos serviços de Inteligência mundiais aos novos desafios e ameaças globais. Em razão disso, o autor afirma que em determinados círculos teóricos dedicados à reflexão sobre o futuro da Inteligência, fala-se mais sobre um “processo não-linear e simultâneo” do que sobre um seqüencial “ciclo de Inteligência”.

Feitas essas considerações e depois de assinalar a importância do segredo, o autor comenta alguns princípios gerais da atividade de Inteligência. Neste ponto, cabe alertar ao leitor desavisado que estes princípios, apresentados por Navarro, não são os mesmos apontados pelas Doutrinas de Inteligência. Trata-se, efetivamente, de alguns pontos de reflexão que foram levantados por Winn L. Taplin, um membro veterano da CIA durante vinte e cinco anos, que se retirou do serviço em 1981.

Navarro dedica então algumas páginas para estudar a forma como a espionagem é tratada no cinema e na literatura para, só então, discutir a questão da dificuldade de acesso às fontes documentais necessárias para se conhecer a estrutura, funcionamento, atuação, alcance e eficácia dos órgãos de informação e Inteligência a serviço do Estado.

Neste aspecto, o autor entende como especialmente controverso o acesso aos arquivos históricos dos próprios serviços de Inteligência, afetados por políticas mais ou menos restritivas de desclassificação documental.

Navarro destaca ainda que, em alguns casos, como o estadunidense, tem ocorrido um processo singular: a reclassificação de milhares de documentos históricos produzidos pelos serviços de Inteligência, os quais já haviam sido desclassificados antes do 11 de setembro.

Para o autor, uma correta política de desclassificação documental com prazos, seleção, valoração e rigor, seria um elemento inestimável para fomentar a cultura democrática de Inteligência em qualquer país; desde que se assegure, obviamente, que tudo aquilo que deva permanecer em sigilo continue classificado, durante o período de tempo que for estipulado.

Navarro passa então a comentar a importância do conhecimento para o processo decisório. Segundo ele, uma ação bem sucedida de Inteligência permite reduzir a incerteza associada à decisão de um governante ou comandante militar.

Contudo, esclarece o autor, quando a produção da “informação” ocorre sem uma identificação prévia dos objetivos que devem ser alcançados, sem um estudo detido dos fatos que devem ser observados, não se consegue obter bons resultados. Deste modo, Navarro destaca aquilo que, ao longo dos tempos, converteu-se em um dos pilares da atividade de Inteligência a necessidade de um adequado planejamento para que se possa atender, de forma satisfatória, às necessidades do tomador de decisão.

Nesse sentido, Navarro destaca que desde as origens da diplomacia um embaixador nomeado por um governo para negociar um assunto específico ou para ocupar a representação permanente em um país estrangeiro, necessariamente devia contar com um documento que lhe servisse de guia e norte em sua missão. Este documento, de acordo com o autor, seria designado em diversos tratados antigos pelo nome de *instrucción*. Navarro nos informa que as *instrucciones* continham um conjunto de requerimentos que uma nação esperava cumprir por meio de seus enviados, entre os quais, naturalmente, incluíam-se aqueles vinculados à atividade de Inteligência.

À fase do planejamento, citada anteriormente, segue-se a fase da obtenção. Segundo Navarro, a obtenção consistiria na aquisição, reunião e coleta da informação que previamente havia sido especificada, solicitada ou ordenada.

Não obstante, complementa o autor, em determinadas ocasiões a espontaneidade dos agentes e informantes permitiu que

a informação de primeira classe fosse transmitida sem que ninguém a houvesse solicitado.

Navarro esclarece que uma fonte de informação é, em essência, a origem textual, gráfica ou oral, da qual emana um conjunto de dados agrupados que, por sua vez, serve de origem e base ao conhecimento avaliado, integrado, analisado e interpretado. O autor acrescenta ainda que a fonte de informação, em virtude de sua procedência, pode ser denominada como fonte humana, aberta, tecnológica, dentre outras.

Navarro organiza e classifica os diferentes tipos de inteligência em três categorias. A primeira é descrita como Inteligência básica (ou enciclopédica), a qual tradicionalmente oferece respostas à pergunta: “Quem e como é o inimigo?”. Para o autor, esta Inteligência básica refere-se ao resultado da acumulação exaustiva de conhecimento relativo a um país, com o fim de criar mecanismos de informação, como base para a elaboração de informes e planos diversos. Trata-se, portanto, de uma Inteligência de caráter geral, estática, descritiva, permanente e de referência para estudos posteriores.

A segunda categoria foi denominada como Inteligência atual. Esta Inteligência, conforme indica Navarro, trataria de responder a seguinte pergunta: “O que o inimigo faz neste exato momento?”. Boa parte do seu objetivo consistiria em fazer um acompanhamento dos temas ou áreas apontados pela categoria anterior. Desse modo, a Inteligência atual corresponderia a uma atualização dinâmica da Inteligência básica.

Por fim, Navarro menciona ainda a Inteligência estimativa ou prospectiva, a qual responderia à eterna pergunta: “Uma vez identificadas as capacidades do inimigo, como ele pretende aplicá-las? Quais são as suas intenções?”.

Depois de apresentados esses conceitos, Navarro enfatiza a importância das fontes humanas na elaboração dessas diferentes categorias de Inteligência e dedica uma especial atenção aos prisioneiros de guerra. Segundo o autor, o emprego destas fontes esteve sempre submetido à cautela e à necessidade de se verificar, por outras vias, os conteúdos repassados por estes informantes singulares.

Certamente, acrescenta Navarro, as técnicas utilizadas para extrair informações dos prisioneiros de guerra estiveram sempre manchadas por uma sombria controvérsia, posto que, amiúde, não se respeitava a fronteira entre o interrogatório e a tortura. Navarro chega mesmo a assinalar que, ao longo da História, os métodos idealizados pelo interrogador sempre superaram em crueldade, refinamento e assombro a capacidade de compreensão do estudioso.

O autor destaca que, na atualidade, a controvérsia suscitada pelo endurecimento das técnicas de interrogatório aprovadas pelo então presidente Bush, agravou-se com a destruição de vários vídeos em que interrogadores da CIA submetiam presumíveis membros da Al-Qaeda a práticas agressivas para a obtenção de informações.

Indubitavelmente, para Navarro, a crescente divisão política na Câmara de Representantes do Congresso dos Estados Unidos propiciou que se aprovasse, em dezembro de 2007, a lei que declara ilegal algumas práticas de interrogatório consideradas como tortura, tais como a asfixia simulada, a ameaça com cães, a simulação de execução, a privação de comida, água ou sono, dentre outras.

Em que pese os excessos cometidos na desesperada busca pela informação, em momentos mais ou menos tensos da História, o autor enfatiza que a atividade de Inteligência sustenta-se em um método sistematizado, que alcançou o seu ponto culminante no final do século XIX, período no qual iniciou-se a publicação de manuais, tratados e obras especializadas que recolheram de forma rigorosa os principais elementos, funções e procedimentos de obtenção, análise e difusão do conhecimento.

De acordo com o autor, a partir desta data passaram a surgir em todos os países europeus, com maior ou menor profusão, textos especializados que iam configurando um corpo doutrinário à atividade. Esses textos converteram-se na base de uma literatura que se revelaria essencial para consolidar o caráter científico da Inteligência no século XX.

Navarro ressalta, contudo, que antes mesmo dos séculos XIX e XX assistirem a essa produção bibliográfica especializada, foi possível identificar um bom número de reflexões dispersas em obras de teoria política e formação militar, nas quais a imbricação entre informação e

segredo, diplomacia e guerra, encontra-se perfeitamente delimitada.

Todos esses trabalhos, devidamente referenciados no texto do livro, contribuíram de maneira significativa para a teorização e sistematização da atividade de Inteligência, superando a sua mera identificação com a espionagem e fazendo da informação sigilosa, em tempos de guerra e de paz, um recurso imprescindível para o Estado.

O autor inicia a segunda parte do seu livro abordando aspectos históricos e doutrinários da Inteligência de Sinais (SIGINT) e da Inteligência de Imagens (IMINT) para, posteriormente, aprofundar-se na questão das chamadas fontes abertas.

Para o autor, o conceito de fontes abertas abarca todos os recursos de informação, que vão desde obras de referência (dicionários e enciclopédias) até publicações especializadas, coleções, estatísticas e arquivos digitais.

De fato, as fontes abertas caracterizam-se, segundo Navarro, por ser um recurso disponível a qualquer pessoa que queira acessá-lo.

O autor acentua que equiparar fontes abertas com Internet consiste em um erro reducionista. Certamente, explica Navarro, os sítios da web, os blogs e os chats, incluem-se no conjunto das fontes abertas. Contudo, não se pode pensar que tudo o que interessa a um serviço de Inteligência possa ser encontrado com apenas um “clique do mouse”.

Navarro considera que, nos dias atuais, a gestão da Inteligência procedente de fontes abertas não é um problema pela escassez, mas sim pelo excesso de informação disponível em estado bruto. Segundo o autor, especialistas estimam que algo em torno de 85% a 90% dos dados empregados na produção dos conhecimentos de Inteligência sejam provenientes de fontes abertas.

Já no âmbito da análise efetuada na metodologia de produção do conhecimento, são interessantes as observações feitas pelo autor ao comentar a amplitude do procedimento de integração, Navarro assinala que integrar significa agrupar os dados provenientes de múltiplas plataformas, fontes e formatos. A integração, segundo ele, baseia-se na multiplicidade de fontes.

Desse modo, ao considerar que o conhecimento, como produto final da atividade, não pode ser exclusivamente textual, o autor preconiza que – na atualidade – a Inteligência deva ser de natureza multimídia (MULTI-INT). Para Navarro, a busca de elementos comuns a todas as fontes é parte do trabalho intelectual do analista, e responde à necessidade de se aglutinar o máximo de dados possíveis sobre uma mesma lacuna do conhecimento, a partir do que se procederá a sua análise e interpretação. Este procedimento vincula-se também ao necessário enfoque interdisciplinar da Inteligência, ao permitir que se contemple um mesmo assunto sob diferentes perspectivas.

No que tange à apresentação dos resultados, isto é, à difusão do conhecimento,

o autor relembra que os avanços dos sistemas de comunicação da informação determinaram a evolução da história da Inteligência. De fato, assevera Navarro, o conhecimento por si só, sem uma transmissão oportuna, não tem sentido algum. Na concepção do autor, a Inteligência que não se emprega para um fim determinado ou para alcançar um objetivo preestabelecido constitui-se, efetivamente, em um notável desperdício de recursos.

Navarro esclarece que a transmissão do resultado final é a última fase do processo de Inteligência, ocorrendo logo após a materialização documental do novo conhecimento. A satisfação do usuário final com o produto apresentado determinará, em última instância, se o ciclo da Inteligência será ou não acionado novamente.

O autor dedica então o último capítulo do seu livro à contraespionagem; segundo ele, uma atividade oculta, porém necessária.

Para ilustrar a importância deste assunto, Navarro o introduz afirmando que ninguém (com exceção da “maior falha de segurança dos Estados Unidos”, ou seja, do agente duplo Robert Hanssen) causou tantos danos à Inteligência estadunidense quanto Aldrich Ames.

De acordo com o autor, embora atuasse como recrutador de agentes soviéticos e controlador de operações de contraespionagem, Ames teria vendido aos comunistas detalhes valiosíssimos que possibilitaram a eliminação (entenda-

-se: assassinato) de numerosos agentes ocidentais que operavam na União Soviética, propiciando o desmantelamento total da rede de Inteligência americana em Moscou.

Para Navarro, a contrainteligência é o reverso inerente à Inteligência, sendo, portanto, tão antiga quanto esta. De fato, complementa o autor, não se concebe a análise histórica de uma sem se pensar na existência da outra.

Navarro destaca que o conceito de contrainteligência abrange todos os meios e recursos disponíveis ao Estado, capazes de identificar e neutralizar a ação de agentes e espões de uma potência estrangeira ou inimiga, que pretendam concretizar ações agressivas contra qualquer interesse de um Estado soberano, dentro ou fora do território nacional.

O autor esclarece que essas agressões indiretas foram e são executadas por estados inimigos ou potencialmente inimigos, que planejam alcançar os seus objetivos de influência sem recorrer ao emprego das forças convencionais. Desse modo, registra Navarro, tanto em tempo de guerra quanto de paz, diversos países precisam identificar e neutralizar a atuação de agentes adversos operando sob as mais diversas coberturas, disfarces e ocupações.

O autor observa ainda que, na moderna reestruturação dos organismos de Inteligência, muitos países optaram por criar agências especializadas na neutralização da ação de espões em seu interior, e outras orientadas para a obtenção e produ-

ção de conhecimentos no exterior. Essa dicotomia pode ser observada tanto no caso estadunidense (FBI e CIA), quanto no britânico (MI5 e MI6), por exemplo.

Indagando-se sobre quais ações englobam-se no âmbito da contra-inteligência, Navarro responde que são basicamente duas: a contrainformação<sup>1</sup> (conjunto de ações voltadas a anular a eficácia informativa de ações patrocinadas por potências estrangeiras contra temas relacionados à própria nação) e a contrasubversão (conjunto de ações voltadas a identificar e anular a subversão efetuada por potências inimigas, entendendo-se por subversão qualquer atividade destinada a causar desordem ou destruir, de forma ativa ou passiva, os interesses gerais, a segurança ou a defesa de uma nação).

Destrinchando ainda mais este tema, Navarro assinala que, paralelamente à contraespionagem, sempre esteve presente na história da Inteligência o conceito de engano (*deception*).

Para o autor, o “engano” ou “decepção” (em uma tradução literal do termo anglo-saxão) compreende o conjunto de atividades empreendidas para que uma potência estrangeira ou um exército inimigo estime de forma errônea uma realidade ou situação, assim como as capacidades militares, econômicas ou diplomáticas de um país.

Navarro acredita que a teoria do engano é tão antiga quanto a própria humanidade. Nesse sentido, ele afirma que ao longo

da História não faltaram tratados militares que não dedicassem algumas páginas aos meios empregados para se ocultar as intenções, as capacidades ofensivas e defensivas e os planos secretos, mediante manipulações nascidas do engano.

Em um espectro mais amplo, o autor aponta que tanto a contraespionagem quanto o engano integrariam um conceito ainda maior: o de “proteção da informação”. Este conceito, por sua vez, compreenderia todas as atividades que buscam ocultar a informação sensível, por todos os meios disponíveis, de sua obtenção por potências estrangeiras.

Do mesmo modo, esclarece Navarro, a contrasubversão englobaria ainda três outros ramos principais, quais sejam: a contrassabotagem, o contraterrorismo e as ações psicológicas de natureza encoberta, com o objetivo de promover um estado de opinião favorável aos interesses de uma potência.

Quanto ao destino dos espões quando são capturados, Navarro afirma que, ao longo dos séculos, em sua grande maioria, ou eles foram sumariamente executados ou submetidos à prisão perpétua. Nesse sentido, o autor assinala que, em diversas ocasiões, os corpos dos espões surpreendidos e capturados foram expostos como advertência de que a atividade de espionagem era punida com o máximo rigor: fuzilados, enforcados ou decapitados, os corpos dos espões incluem-se entre as manifestações históricas do corpo na guerra.

<sup>1</sup> O termo contrainformação não é adotado pela atual Doutrina Brasileira de Inteligência. A descrição apresentada pelo autor permite uma aproximação com o que atualmente, em nosso País, denomina-se desinformação.

Em alguns casos, todavia, complementa o autor, a captura dos espões não significou a sua execução sumária, mas sim uma forma de propaganda utilizada para minar a moral do exército adversário.

Ao finalizar o livro, Navarro destaca que três mil anos após os primeiros ensaios do que viria a ser a atual atividade de Inteligência, continuamos falando em sistemas voltados à obtenção de informações sigilosas que permitam aos governos reduzir incertezas e atuar com maior efetividade frente aos riscos e ameaças da atualidade.

Dessa forma, o autor entende como fundamental o papel da Inteligência no cenário em que nos encontramos. Segundo Navarro, ameaças de natureza assimétrica e alcance global, exigem uma resposta que seja ágil, preventiva e eficaz.

Conclui-se, portanto, que a leitura do livro permite compreender como se delineou a trajetória da atividade de Inteligência ao longo dos séculos, de modo que o leitor possa visualizar os principais fatores que influenciaram no seu processo contínuo de sistematização metodológica, e ainda desvelar o significado desta atividade no mundo atual.